

lhadas e expurgadas, sob o clima de terror que abafava tudo. Revistas como *Carioca*, em circulação desde 1935, ou *Vamos Ler*, lançada em 1936 — ambas das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, isto é, do Governo — forneciam a evasão, a primeira tratando de música, cinema, rádio; a segunda, de literatura, tudo na base de muita figura, apresentação boa, rodadas em rotogravura que eram. Em 1937, sob a direção de Brício de Abreu, começou a circular o semanário de letras *Dom Casmurro*, cuja coleção espelha com fidelidade o baixo nível da atividade literária da época. Como exceção, surgiria, em 1938, o semanário *Diretrizes*, a princípio sob a direção de Azevedo Amaral e Samuel Wainer, e, depois, apenas deste: com esforços curiosos, muita malícia e alguma ousadia, passando assuntos entre as estreitas malhas do vastíssimo rol dos assuntos proibidos, essa revista teve, realmente, papel de relevo na época, que foi ainda maior à medida que, desde 1942 — o ataque japonês a *Pearl Harbour* ocorreu a 6 de dezembro de 1941 — os Estados Unidos juntaram-se aos Aliados. A participação da União Soviética na guerra, forçando a suspensão da propaganda anticomunista no ocidente, permitiu o combate ao nazi-fascismo e o Estado Novo começou a ser esvaziado de seu conteúdo originário e a debilitar-se. A intervenção brasileira no conflito, com a preparação e o embarque da FEB, acentuou esse novo sentido do processo político<sup>(327)</sup>.

Começou a ressurgir o interesse pelo estudo dos problemas nacionais, em particular os econômicos. Ao lado do *Observador Econômico e Financeiro*, mensário mantido por Valentim Bouças, apareceram outros, em S. Paulo, como a *Revista Industrial*, órgão da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, dirigida por Honório de Sylos, e o *Digesto Econômico*, órgão da Associação Comercial do Estado de São Paulo, dirigido por Rui Blóem, Rui Fonseca e Rui Nogueira Martins e, depois, por Antônio Gontijo de Carvalho, publicações mensais, ambas iniciadas em 1944 e a segunda ainda em circulação. Já era possível o aparecimento de novos jornais, começando a circular, no Rio, a *Folha Carioca*, em 1944, de que era diretor artístico Andres Guevara. Restava apenas romper declaradamente o cerceamento da censura: essa rutura foi todo um processo de alargamento de brechas, não podendo ser situada nas limitações de um gesto isolado. Assim, o *Diário de São Paulo*, depois de algumas hesitações, decidiu publicar sensacional entrevista de Monteiro Lobato, oportunidade em que o escritor teve a ousadia, para o momento, de “louvar o regime socialista e criticar a ordem capitalista”, considerando Luís Carlos Prestes, preso há

(327) A Força Expedicionária Brasileira teve, na Itália, dois pequenos jornais, o *Zê Carioca* e o *Cruzeiro do Sul*.